



PARA ALÉM DO GÊNERO ENQUANTO NORMA: SUBVERSÕES, RESISTÊNCIAS E EXISTÊNCIAS CRIATIVAS

***Eixo Temático 10 - CORPOS, MULTIPLICIDADES E SINGULARIDADES NOS
ESTUDOS DO CAMPO DISCURSIVO / AXIS 10 - BODIES, MULTIPLICITIES,
AND SINGULARITIES IN DISCURSIVE FIELD STUDIES (ONLINE)***

Caroline Machado de Souza¹

RESUMO

O projeto analisa o curta-metragem “Concha de Água Doce”, compreendendo o cinema como ferramenta de resistência às normas dominantes e produtor de outros imaginários. Através da história de uma pessoa trans e seu retorno à cidade natal, evidencia-se como o filme questiona as normas de gênero. Utiliza-se os conceitos de discurso e verdade (Foucault), matriz heterossexual e identidade fantasística (Butler) e o cinema como agente da história (Ferro). A pesquisa, complementada por entrevista com os diretores, demonstra que gênero e sexualidade são construções culturais, e que o cinema não só narra, mas também produz história.

Palavras-chave: GÊNERO, CINEMA, SUBVERSÃO, RESISTÊNCIA

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar as representações de gênero e sexualidade no curta-metragem Concha de Água Doce, buscando compreender como a obra tensiona, desconstrói e ressignifica as normas culturais, sociais e históricas que operam na regulação dos corpos e das subjetividades dissidentes. Inserido no contexto sociocultural do sul do Brasil, o filme emerge como um dispositivo estético e político

¹Historiadora licenciada pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Machadosouza.carol@gmail.com



capaz de produzir deslocamentos nas formas de pensar, ver e experienciar as existências trans, não binárias e dissidentes.

Partindo da compreensão de que o cinema não se limita a representar o real, mas também o constitui, este estudo propõe uma leitura que considera o audiovisual como um campo de produção de saberes, memórias e subjetividades. Nesse sentido, a análise do curta não se restringe aos aspectos narrativos, mas incorpora as dimensões simbólicas, estéticas e políticas da linguagem cinematográfica, reconhecendo seu potencial para gerar fissuras nos discursos normativos sobre gênero e sexualidade.

O interesse por essa análise emerge da urgência em problematizar como os corpos dissidentes são construídos, enquadrados ou, muitas vezes, apagados no campo da cultura, especialmente em territórios historicamente marcados por fortes tradições conservadoras, como o sul do Brasil. Este trabalho se insere, portanto, nas discussões contemporâneas dos estudos de gênero, sexualidade e cultura, adotando uma perspectiva teórica pós-estruturalista, que permite desconstruir os regimes de verdade que sustentam as normatividades de gênero e as violências que delas derivam.

A proposta é compreender de que modo o curta-metragem atua como uma forma de resistência e de reconfiguração das formas de existir, oferecendo não apenas representações, mas também experimentações sensíveis e políticas que desafiam as fronteiras do inteligível, do aceitável e do reconhecível no campo social. Assim, este artigo se articula à necessidade de fortalecer epistemologias que descentalizem os discursos hegemônicos, legitimando outras formas de narrar, viver e imaginar os mundos possíveis.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, ancorada nos aportes dos estudos culturais, dos estudos de gênero e da análise do discurso. O referencial teórico se sustenta nas contribuições de Michel Foucault, Judith Butler e Marc Ferro, que permitem compreender as articulações entre saber, poder, subjetivação, performatividade e o cinema como agente histórico.

¹Historiadora licenciada pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Machadosouza.carol@gmail.com



A análise da curta-metragem *Concha de Água Doce* é realizada abordando os elementos discursivos e performativos, analisando como as experiências de gênero e sexualidade dissidentes são construídas na obra, tanto no que é visível quanto no que é silenciado. Foucault contribui para refletir sobre os dispositivos de saber-poder que operam na regulação dos corpos e dos desejos, enquanto Butler fundamenta a análise das performatividades de gênero que desafiam as normas e produzem deslocamentos nas fronteiras da inteligibilidade.

Compreende-se também, as escolhas de fotografia, montagem, cenário como formas de enunciação política. A partir de Marc Ferro, entende-se o cinema não apenas como representação, mas como agente ativo na produção de sentidos, memórias e disputas culturais. Ainda assim, articula-se a análise da obra ao contexto social e cultural mais amplo, especialmente no sul do Brasil, tensionando os regimes de verdade e os dispositivos normativos que atravessam esse território. Busca-se compreender como o filme atua como prática discursiva e política, produzindo deslocamentos e resistências frente às normatividades de gênero e sexualidade.

Para aprofundar essa análise e captar as camadas complexas da realidade social e cultural representada no curta, foi utilizada a entrevista semiestruturada como ferramenta metodológica complementar. A entrevista possibilitou acessar as intenções, percepções e reflexões dos sujeitos envolvidos no processo de criação da obra, bem como compreender as experiências vividas que atravessam e informam a narrativa fílmica. Esse recurso metodológico contribuiu para conectar as dimensões estéticas e discursivas do filme com os contextos sociais e políticos que o atravessam, enriquecendo a interpretação e possibilitando uma análise mais situada, sensível e crítica da realidade.

Assim, o percurso metodológico articula a análise discursiva e contextual, combinada à escuta sensível proporcionada pela entrevista semiestruturada, de modo a compreender não apenas como o filme representa, mas também como ele se inscreve nas disputas culturais e políticas que atravessam as experiências de gênero, sexualidade e cultura.

¹Historiadora licenciada pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Machadosouza.carol@gmail.com



REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico deste artigo se apoia em três autores centrais: Michel Foucault, Judith Butler e Marc Ferro, cujas contribuições se articulam na análise das relações entre saber, poder, subjetividade, performatividade e cinema como agente histórico-social.

Michel Foucault oferece as ferramentas conceituais para compreender como os dispositivos de saber-poder constroem regimes de verdade que normatizam corpos, práticas e desejos. Conceitos que são fundamentais para compreender os modos como os sujeitos são produzidos, regulados e, simultaneamente, como podem resistir.

Judith Butler amplia essas reflexões ao introduzir o conceito de performatividade de gênero, compreendendo o gênero não como uma essência, mas como um efeito reiterativo das normas culturais. Seus conceitos de inteligibilidade, matriz heterossexual e essência fantasística do ser, também são fundamentais para pensar como certos corpos são reconhecidos como legítimos, enquanto outros são marginalizados, invisibilizados ou mesmo excluídos dos regimes de humanidade.

Por sua vez, Marc Ferro contribui com a concepção do cinema como agente da história. Ao entender que o audiovisual não apenas reflete, mas interfere nos processos históricos e culturais, Ferro permite pensar o filme como um vetor de transformação social e política, capaz de produzir memórias, afetos e imaginários que resistem às narrativas hegemônicas.

Esses três aportes teóricos dialogam entre si para construir uma análise que reconhece o cinema como espaço de disputa, resistência e produção de subjetividades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de *Concha de Água Doce* revela uma proposta estética e narrativa que desafia diretamente os dispositivos normativos que organizam gênero e sexualidade. O filme não se compromete com uma lógica narrativa linear ou com representações tradicionais. Em vez disso, aposta em uma construção sensível, fragmentada e poética, onde o foco não está na explicação, mas na experiência dos corpos e dos afetos.

¹Historiadora licenciada pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Machadosouza.carol@gmail.com



Os espaços representados no curta — sobretudo o litoral do sul do Brasil — não são apenas cenários, mas agentes ativos na construção dos sentidos. O rio e as conchas operam como metáforas da fluidez, da impermanência e da transformação, refletindo a própria condição dos sujeitos dissidentes, cujas existências se constroem nas brechas das normas.

Narrativamente, o filme dismantela as categorias binárias que sustentam o regime cisheteronormativo. Não há personagens rigidamente definidos por gêneros estáveis; tampouco há uma preocupação em oferecer explicações que enquadrem os sujeitos nas classificações tradicionais. A fluidez dos corpos, das performances e das relações desafia diretamente os dispositivos que organizam o social em torno do binário masculino/feminino, homem/mulher, hétero/homo.

A partir de Foucault, percebe-se que o curta opera como uma resistência aos dispositivos de saber-poder que historicamente controlam e regulam as sexualidades e os gêneros. O filme desestabiliza as tecnologias de controle dos corpos, abrindo espaço para a emergência de outras possibilidades de existência.

Dialogando com Judith Butler, é possível afirmar que o filme encena performatividades que não reproduzem as normas, mas que as desviam, desmontam e reconstroem, produzindo sentidos outros para o gênero e para a sexualidade. Essa performatividade não é mera repetição, mas um gesto político de invenção de si, que coloca em xeque as fronteiras do inteligível e do reconhecível.

Por fim, a partir de Marc Ferro, compreende-se que o filme se posiciona como um agente da história, não apenas representando, mas participando ativamente da construção de novas memórias e imaginários sociais sobre as existências dissidentes, especialmente em contextos periféricos do audiovisual, como é o caso do sul do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do curta-metragem evidencia que o cinema pode ser compreendido como uma poderosa ferramenta de produção de subjetividades, de memória e de resistência. A obra rompe com os modelos tradicionais de representação de gênero e

¹Historiadora licenciada pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Machadosouza.carol@gmail.com



sexualidade, propondo uma estética da fluidez, da ambiguidade e da potência dos corpos dissidentes.

O filme se inscreve como uma prática política que confronta os regimes de verdade e os dispositivos normativos que estruturam as relações de gênero e sexualidade na sociedade contemporânea. Mais do que uma representação, *Concha de Água Doce* é uma intervenção estética e política que afirma outras formas de viver, de desejar e de existir.

Ancorado nos aportes de Foucault, Butler e Ferro, este estudo demonstra que o cinema não apenas reflete as transformações sociais, mas também participa ativamente delas, operando como um espaço de criação de sentidos e de produção de mundos possíveis.

Por fim, este trabalho reforça a importância de investir em análises que articulem os campos dos estudos de gênero, sexualidade, cultura e cinema, reconhecendo que as disputas simbólicas são também disputas materiais, que impactam diretamente as vidas dos sujeitos. O cinema, nesse sentido, é mais do que entretenimento ou arte: é um campo de batalha por visibilidade, reconhecimento e existência. Portanto, deve-se aumentar os fomentos para com o cinema, devido a necessidade de maior reconhecimento por parte dos órgãos governamentais para com a cultura, entendendo-a como uma grande ferramenta política, capaz de um potencial potente de contestação as normas dominantes para a construção de novos imaginários coletivos e uma transformação social.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Maria Luiza X. de A. de Lima. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FERREIRA, Glauco B. “A(r)tivismos” cinematográficos queer of color: as ações de resistência e agência do coletivo Queer Women of Color Media Arts Project. *Aceno - Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 2, n. 3, p. 1-20, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.ufmt.br>.

¹Historiadora licenciada pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Machadosouza.carol@gmail.com



FERRO, Marc. História e cinema. Tradução de Maria de Lourdes M. Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Tradução de Raquel Ramallete. 20. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

MARCONI, Dieison; TOMAIM, Cássio dos Santos. Documentário Queer no Sul do Brasil: apontamentos gerais. E-Compós, v. 19, n. 2, 2016. DOI: 10.30962/ec.1316. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e_compos/article/view/1316.

NASCIMENTO, Francisco Arrais; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel. O cinema fora do armário: cartografia dos personagens homossexuais no cinema brasileiro (1920-2017). Estudios LGBTIQ+, Comunicación y Cultura, v. 2, n. 1, p. 91 115, jun. 2022. DOI: 10.5209/eslg.80940. Disponível em: <https://www.researchgate.net>.

OLIVEIRA, Juliana Paliologo Prima de. Por um cinema de resistência: gênero, sexualidade e subjetividade. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2019. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/87629>.

POLIDORO, Maurício; KAUSS, Bruno; CANAVESE, Daniel. Geografias gays do Rio Grande do Sul. Confins, n. 51, 2021. DOI: 10.4000/confins.38624. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/38624>.

PORTO ALEGRE (Município). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura e Economia Criativa. Edital de Seleção Pública Paulo Gustavo Porto 34 Alegre – Cinema. Processo Administrativo nº 23.0.000103541-0. Concurso 001/2023. Porto Alegre, 2023.

SILVA, Felipe de Lima; SILVA, Felipe de Lima. Pequenas Cidades e Diversidades Culturais no Interior do Estado do Rio Grande do Sul: O caso das microterritorializações homoeróticas em Santo Ângelo e Cruz Alta-RS. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 24, n. 2, p. 1-18, 2022. DOI: 10.22296/2317-1529.2022v24n2p1. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbeur/article/view/2317-1529.2022v24n2p1>.

SIQUEIRA, Monalisa Dias de; KLIDZIO, Danieli. Bissexualidade e Pansexualidade: Identidades Monodissidentes no Contexto Interiorano do Rio Grande do Sul. Revista Debates Insubmissos, v. 3, n. 9, p. 186-217, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/debatesinsubmissos/article/view/246520>.

¹Historiadora licenciada pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Machadosouza.carol@gmail.com